

Grandes empresas brasileiras lucram o dobro das americanas

De janeiro a setembro, ganhos chegaram a 11% entre 250 grupos com ações negociadas em bolsa

RODNEY VERGILI

As 250 maiores empresas brasileiras de capital aberto (com ações em bolsa) tiveram margens de ganhos (lucro líquido sobre vendas) de 11% de janeiro a setembro, ou seja, o dobro (5,6%) das norte-americanas, segundo dados da consultoria Austin Asis. As empresas teriam "gordura para queimar" em termos de redução de preços e de margens, de forma a enfrentar a recessão esperada para o primeiro semestre de 1999.

O consultor Eraldo Rodrigues, diretor da consultoria, acredita que, para manter as elevadas margens, as empresas adotarão o mesmo modelo administrativo empregado este ano: vão compensar a queda nas vendas com redução nas despesas, principalmente com pessoal.

O faturamento líquido das 250 empresas analisadas caiu 6% até setembro, em relação a igual período do ano passado, passando de US\$ 77,7 bilhões para US\$ 72,9 bilhões. As despesas financeiras cresceram 16,3%, de US\$ 7,2 bilhões para US\$ 8,4 bilhões. A rentabilidade (lucro líquido) sobre o patrimônio líquido

(recursos próprios) registrou crescimento de 4,2%.

O retorno das companhias nacionais (4,2%) pode ser considerado baixo, comparado ao das empresas dos Estados Unidos (15,5%) para um crescimento de vendas de 7% na mesma época.

Bosh – Em Curitiba, a Bosch do Brasil anunciou que deve fechar o ano com faturamento 8% inferior ao do ano passado, caindo de R\$ 1,3 bilhão para R\$ 1,2 bilhão. "Nosso trabalho depende em 55% do mercado automotivo, por isso fomos afetados pela queda na produção", disse o diretor-geral da empresa, Dieter Schnabel.

DEMISSÕES
VÃO CONTINUAR,
PREVÊ
CONSULTOR

No ano passado, foram produzidos 2,3 milhões de carros no Mercosul, caindo para cerca de 1,8 milhão este ano. "Nós sofremos as consequências disso." Apesar dessa que-

da, a empresa pretende investir R\$ 24 milhões, principalmente para aumentar a capacidade de produção de microinjetores diesel, fabricados na Cidade Industrial de Curitiba. "Há boa demanda no mercado mundial", afirmou o diretor administrativo da fábrica, Edson Grottoli. A empresa pretende modernizar o maquinário, preparando-se para a fabricação da bomba de injeção unitária, que não existe no Brasil. (Colaborou Evandro Fadel)